



CONTOS AFRICANOS E OCIDENTAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA PELO PIBID¹

Sara Izabela Alves Pereira²

Maria Flor de Maio Barbosa Benfica³

RESUMO

O minicurso Figurações da Mulher em Contos Ocidentais e Africanos foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com o grupo de pesquisa África e Brasil, como proposta didática para a Educação Básica. A atividade teve como objetivo aproximar os estudantes de diferentes tradições literárias e estimular a reflexão crítica sobre a representação feminina nas narrativas. Para isso, foram trabalhados os contos A Mulher e o Gigante (1984), de São Tomé e Príncipe, ligado à tradição oral africana, e João e o Pé de Feijão, pertencente à tradição europeia. A comparação entre as obras buscou evidenciar como os contextos históricos, sociais e culturais, e especialmente como os recursos linguísticos, influenciam a construção de sentidos e a caracterização das personagens femininas. O minicurso foi organizado em seis aulas de cinquenta minutos, distribuídas em etapas: contextualização histórica e cultural, leitura e análise das narrativas, comparação das representações femininas e produção criativa dos estudantes. Baseado na perspectiva analítico textual como propõe Rildo Cosson (2020) e no estudo das formas simples de Andre Jolles (1976). Ao longo das atividades, foi possível relacionar a prática com as competências gerais da BNCC (1, 3 e 6) e com a Lei 10.639/2003, assegurando a valorização da literatura africana no espaço escolar. Na prática, a experiência mostrou como a leitura comparativa contribui para o desenvolvimento da competência leitora, crítica e estética dos alunos, ao mesmo tempo em que estimula reflexões sobre estereótipos de gênero e diversidade cultural. Enquanto bolsista do PIBID, pude experimentar o planejamento pedagógico, o contato direto com os estudantes e a percepção da literatura como ferramenta de formação linguística e cidadã.

Palavras-chave: Pibid, Educação básica, Representação feminina, Contos africanos, Contos ocidentais.

INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto manifestação estética e social, reflete e constrói modos de ver o mundo, servindo como espelho das relações humanas e de seus sistemas de valores. Entre os

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

² Graduando do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - MG, izabelaalves777@gmail.com;

³ Doutora em Estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - MG, Professora do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), coordenadora do subprojeto Letras-Português do PIBID e orientadora dos trabalhos desenvolvidos, mflordemaio Barbosa Benfica@gmail.com.





temas recorrentes que atravessam as narrativas ao longo dos séculos, atualmente, a representação da mulher ocupa lugar de destaque, revelando diferentes formas de compreender

o feminino. Nesse sentido, o estudo comparativo de contos de distintas culturas permite não apenas identificar estereótipos e papéis sociais atribuídos às mulheres, mas também compreender como tais figurações são moldadas por tradições contextuais, históricas e simbólicas específicas.

Unido a isso é importante destacar que a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis da Educação Básica, representou um marco histórico na luta por uma educação mais plural, antirracista e representativa das múltiplas identidades que compõem o Brasil. No entanto, mais de vinte anos após sua aprovação, ainda se observam grandes desafios para a efetiva implementação dessa política educacional, especialmente no que diz respeito à inserção da literatura africana no cotidiano das escolas.

Embora a legislação determine a valorização das produções culturais e literárias do continente africano, na prática, essa presença ainda é tímida. Muitas vezes, o continente é abordado apenas em datas comemorativas ou de forma superficial, como um espaço homogêneo e distante, o que reforça a ideia equivocada de que sua cultura tem menor valor em relação à tradição ocidental. Essa ausência sistemática da literatura africana na lida diária do ensino básico nacional contribui para a invisibilização de vozes, histórias e estéticas que poderiam enriquecer a formação crítica dos estudantes.

Pensando nesse desafio, o grupo de pesquisa África e Brasil, coordenado pela professora Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas), em parceria com docentes de diferentes níveis da educação nacional e com professores de universidades dos países africanos de língua portuguesa, voltou sua atenção para essa realidade. O grupo reconhece que, entre os principais entraves à efetiva implementação da lei, destacam-se a falta de formação continuada de professores e a escassez de materiais didáticos adequados. Muitos educadores, embora compreendam a relevância do tema, ainda se sentem inseguros para trabalhar obras de autores africanos, uma vez que não tiveram acesso a esse repertório durante sua própria formação escolar e acadêmica e mesmo os livros didáticos que apresentam atividades relacionadas não o fazem com vistas a iniciar também os professores no universo da literatura africana.





Diante desse cenário, a edição de 2025 do Simpósio Internacional de Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa (SILAS) mobilizou uma ampla participação de professores e pesquisadores, reafirmando o compromisso coletivo com a formação docente voltada à valorização das literaturas africanas e sua presença no ensino básico. Como desdobramento, foram promovidas ações formativas e a elaboração de minicursos que seguem a estrutura de sequências didáticas, que serão posteriormente publicadas e disponibilizadas como instrumento de apoio pedagógico e de fortalecimento dessa causa no contexto educacional brasileiro.

Partindo desse amplo contexto, o minicurso “Figurações da Mulher em Contos Ocidentais e Africanos” foi desenvolvido no grupo de pesquisa África e Brasil e aplicado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A atividade foi realizada na Escola Estadual Ordem e Progresso, sob a supervisão da professora Lorena da Silva Chaves e da coordenadora de área Maria Flor de Maio Barbosa Benfica. Participei ativamente tanto da elaboração quanto da aplicação do minicurso, uma vez que integro ambos os programas. Sendo assim, este relato de experiência tem como objetivo analisar como a teoria se intersecciona com a prática, evidenciando de que modo os fundamentos teóricos que embasaram o minicurso se materializaram nas ações pedagógicas desenvolvidas e como se deu a recepção e a compreensão dos alunos diante dos textos trabalhados.

O minicurso teve como corpora dois contos: A Mulher e o Gigante (1984), de São Tomé e Príncipe, ligado à tradição oral africana, e João e o Pé de Feijão, pertencente à tradição europeia. A escolha das obras se justifica pela possibilidade de contrastar duas matrizes culturais que, embora partilhem estruturas narrativas semelhantes, oferecem perspectivas distintas sobre o papel da mulher nas histórias que contam.

A experiência mostrou-se significativa ao promover o desenvolvimento da competência leitora, crítica e estética, alinhando-se às competências gerais da BNCC (1, 3 e 6) e aos princípios da lei, que asseguram a presença da cultura africana no currículo escolar. Como resultado, observou-se não apenas o engajamento dos alunos na leitura literária, mas também uma ampliação de suas reflexões sobre estereótipos de gênero, diversidade cultural e o poder simbólico da palavra.

Assim, o minicurso evidenciou o potencial da literatura como espaço de diálogo intercultural e de formação cidadã. A prática pedagógica desenvolvida, além de fortalecer a





articulação entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmou a importância da escola como lugar de valorização das vozes múltiplas que compõem a experiência humana — entre elas, a voz feminina que resiste, narra e se reinventa nas tramas da palavra.

METODOLOGIA

A proposta metodológica foi fundamentada na perspectiva analítico-textual de Rildo Cosson (2020) e no estudo das formas simples de André Jolles (1976), articulando-se ao método de sequência didática desenvolvido por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2010), a fim de integrar teoria literária e prática pedagógica em uma sequência de seis aulas de cinquenta minutos. As etapas contemplaram a contextualização histórica e cultural dos contos, a leitura e análise das narrativas, a comparação das representações femininas e, por fim, uma produção criativa que desafiou os estudantes a reinterpretar as personagens a partir de suas próprias vivências.

Do ponto de vista da pesquisa empírica, este relato de experiência se apoia na minha observação e participação na oficina, realizada durante as aulas, e em registros de campo, que incluíram anotações sobre engajamento, dificuldades, interações dos estudantes, comentários espontâneos e modos de recepção dos textos. Foram utilizados também instrumentos pedagógicos de coleta indireta, como respostas escritas, produções criativas e atividades de análise textual, que auxiliaram na compreensão de como os alunos perceberam e reconstruíram as representações femininas discutidas. Não foram utilizados questionários formais ou entrevistas, uma vez que o foco se concentrou na observação do processo educativo e na análise das atividades realizadas.

No que diz respeito aos aspectos éticos, todas as ações foram conduzidas conforme as orientações da instituição escolar e do PIBID, garantindo o respeito à imagem e à identidade dos estudantes. Não houve coleta de dados sensíveis nem divulgação de fotos, vídeos ou documentos pessoais dos participantes. As produções dos alunos foram analisadas apenas em sua dimensão pedagógica, mantendo anonimato e preservando integralmente seu direito de imagem. Por se tratar de um relato pessoal e descritivo de prática pedagógica sem coleta sistemática de dados pessoais, a atividade não exigiu submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, mas foram observados os princípios fundamentais de sigilo, respeito e consentimento institucional.



Por fim, o uso de ferramentas pedagógicas incluiu quadro, projetor multimídia, cópias impressas dos contos, além de recursos de mediação como retomadas orais, mapas de conceitos e atividades escritas. O processo combinou abordagem dialógica e atividades colaborativas, valorizando tanto a construção coletiva de sentido quanto a expressão individual dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta metodológica foi estruturada de modo a articular diferentes referenciais teóricos que convergem para uma abordagem formativa, crítica e contextualizada da leitura literária. A perspectiva analítico-textual de Rildo Cosson (2020) orientou a organização da leitura em etapas que privilegiam a imersão, a interpretação e a resposta dos alunos ao texto, entendendo a literatura como prática social e experiência estética. Somada a isso, o estudo das formas simples de André Jolles (1976) permitiu aprofundar a compreensão das estruturas narrativas e de seus efeitos de sentido, oferecendo aos estudantes ferramentas para perceber como determinados modelos culturais moldam personagens, ações e valores, especialmente no que se refere às representações femininas.

Para operacionalizar esses fundamentos teóricos no cotidiano da sala de aula, recorreu-se ao método de sequência didática elaborado por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly, que possibilitou organizar o trabalho pedagógico em etapas progressivas, com objetivos claramente definidos e atividades articuladas entre si. Essa estrutura permitiu integrar a análise literária, a reflexão crítica e a prática de produção textual, garantindo que os alunos não apenas compreendessem os contos estudados, mas também se apropriassem de estratégias de leitura e escrita com crescente autonomia.

Assim, a sequência didática foi organizada de modo a contemplar a contextualização histórica e cultural das narrativas, a leitura guiada e análise comparativa dos contos, discussões interpretativas sobre gênero e cultura, e, por fim, uma atividade de criação que convidou os estudantes a reimaginar as personagens a partir de suas próprias percepções e experiências, reescrevendo a história como se fosse parte do seu cotidiano com suas próprias palavras. Essa articulação entre teoria literária, metodologias de ensino e produção criativa



possibilitou que a experiência se configurasse como um espaço de formação leitora, estética e cidadã.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sequência didática desenvolvida ao longo de seis aulas revelou um percurso progressivo de engajamento, ampliação de repertório e desenvolvimento da competência leitora dos estudantes. Nas duas primeiras aulas, dedicadas à contextualização das tradições narrativas europeias e africanas, observou-se que os alunos demonstraram elevado interesse ao relacionar os contos tradicionais europeus ao imaginário já conhecido, participando ativamente ao mencionar obras lidas anteriormente e ao identificar como esses textos moldam expectativas sociais e culturais. A introdução ao continente africano e, especificamente, ao país São Tomé e Príncipe, provocou curiosidade e surpresa, uma vez que a maioria dos estudantes reconheceu nunca ter tido contato com narrativas desse contexto. As discussões emergiram de forma espontânea, revelando questionamentos sobre diversidade cultural, invisibilidade de determinadas literaturas e a necessidade de ampliar o repertório escolar para além do eixo eurocêntrico.

Nas aulas 3 e 4, dedicadas às leituras dos contos “João e o Pé de Feijão” e “A Mulher e o Gigante”, foi possível observar níveis distintos de participação, ambos significativos. A leitura do conto europeu mobilizou grande parte da turma, que, devido à familiaridade com a história, identificou com facilidade os elementos da narrativa e participou com segurança das discussões sobre personagens e conflitos. A análise da representação feminina suscitou reflexões importantes: muitos estudantes apontaram o caráter secundário da mãe de João e relacionaram sua atuação às condições socioeconômicas retratadas no conto. Já na leitura do conto africano, embora o texto fosse inicialmente desconhecido, os alunos demonstraram atenção e interesse em compreender sua lógica narrativa. A participação intensificou-se conforme identificavam elementos semelhantes aos do conto europeu e, ao mesmo tempo, reconheciam diferenças estruturais e culturais. A figura feminina, central e ativa na narrativa africana, despertou amplo debate, levando os estudantes a considerar como valores culturais distintos influenciam as ações e a construção das personagens, o mais importante deles, foi no





papel da mãe, personagem do conto, que foi desde o princípio responsável pelo desenvolvimento do conto.

A aula 5, dedicada à comparação entre os dois contos, destacou-se como um dos momentos de maior envolvimento da turma. Os estudantes contribuíram de forma colaborativa,

estabelecendo relações entre as estruturas narrativas, reconhecendo os repertórios socioculturais presentes em cada obra e analisando criticamente o papel desempenhado pelas personagens femininas. A comparação evidenciou que, enquanto o conto europeu delimita a mulher ao espaço doméstico e à função de coadjuvante, o conto africano apresenta uma protagonista astuta e decisiva para o desfecho da história. Esse contraste mobilizou reflexões sobre estereótipos de gênero, construção cultural de papéis sociais e diversidade literária, reforçando o caráter formativo da leitura comparada.

Por fim, a aula 6 consolidou os aprendizados das etapas anteriores, permitindo que os alunos sintetizassem conhecimentos sobre o gênero conto tradicional e reconhecessem suas funções sociais e culturais em diferentes contextos. A participação manteve-se elevada, marcada por reflexões críticas sobre a importância da literatura oral na preservação da memória dos povos e sobre a pertinência de incluir narrativas africanas no currículo escolar. Muitos estudantes relataram que a sequência modificou sua percepção sobre a literatura africana e ampliou sua compreensão sobre representações femininas em narrativas tradicionais. A atividade final evidenciou, portanto, não apenas o domínio dos conteúdos, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica e sensível diante da diversidade cultural e das relações de gênero, confirmando os efeitos formativos pretendidos pela proposta pedagógica.

Apesar do elevado nível de participação observado em grande parte da turma, a experiência também evidenciou uma dificuldade recorrente: a presença de um pequeno grupo de estudantes que se manteve consistentemente desinteressado ao longo da sequência. Mesmo com o uso de diferentes estratégias metodológicas — leitura mediada, atividades comparativas, debates e recursos visuais — alguns alunos demonstraram resistência ao engajamento, o que limitou sua participação nas análises e discussões propostas. Essa dificuldade revelou a necessidade de ampliar estratégias de motivação e de diversificar ainda





mais as abordagens pedagógicas, a fim de alcançar aqueles que, por diferentes razões, não se envolveram plenamente no processo formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do percurso formativo construído ao longo do minicurso permite evidenciar a importância de articular, de maneira crítica e situada, os referenciais teóricos à prática

pedagógica desenvolvida em sala de aula. A proposta, fundamentada nos estudos sobre contos tradicionais, diversidade cultural e formação do leitor, possibilitou observar de que modo os pressupostos conceituais se concretizaram nas ações didáticas e na recepção dos alunos diante dos textos literários trabalhados. As atividades de leitura, comparação intertextual, reflexão cultural e análise narrativa revelaram um engajamento expressivo da maioria dos estudantes, cujo envolvimento se traduziu na ampliação das capacidades interpretativas e na problematização de estereótipos de gênero, relações de poder e múltiplas matrizes culturais presentes nas narrativas europeias e africanas.

Apesar desses avanços, o processo também evidenciou desafios importantes, sobretudo no que diz respeito à mobilização de alunos que permaneceram pouco interessados ao longo das aulas, exigindo estratégias de mediação mais personalizadas. Essa dificuldade, contudo, reforça a necessidade de aprofundar investigações sobre metodologias que favoreçam a participação equitativa e a inclusão efetiva de todos os estudantes nas práticas de leitura literária. De forma geral, a experiência demonstrou o potencial formativo do trabalho com contos tradicionais no contexto escolar, tanto para o desenvolvimento de competências de análise quanto para a valorização da diversidade cultural, indicando caminhos promissores para futuras pesquisas e intervenções pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020.





DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

JOLLES, André. **Formas simples**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

KINCAID, Lucy. João e o pé de feijão. Adaptação de Joseph Jacobs. 2001. Disponível em: https://www.bibliolab.pt/wp-content/uploads/2020/05/Jo%C3%A3o-e-o-p%C3%A9-de-feij%C3%A3o_conto.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Direcção Nacional da Cultura. **Contos infantis**. 2. ed. Execução gráfica: Editorial Caminho, SARL; Apoio: UNICEF. São Tomé e Príncipe, 1984.

VEIGA, Bernardo Vaz da (10 anos – Informante). In: Contos infantis. 2. ed. São Tomé e Príncipe: Direcção Nacional da Cultura, 1984. Execução gráfica: Editorial Caminho, SARL; Apoio: UNICEF. Tiragem: 3000 exemplares

